

# Machado de Assis e a escravidão

Mailde J. Trípoli

**“Há pessoas que não sabem, ou não se lembram de raspar a casca do arroz para ver o que há dentro”.**

Machado de Assis

**M**achado de Assis é incontestavelmente um dos maiores escritores da literatura brasileira. Está citado no livro *Gênio*, de Harold Bloom, renomado crítico da atualidade, entre os cem maiores escritores mundiais. Segundo Bloom, “Machado reúne os pré-requisitos da genialidade. Possui exuberância, concisão e uma visão irônica ímpar do mundo”.

Apesar de todo reconhecimento e homenagens, cem anos depois de sua morte, há ainda quem insista em repetir a leviana afirmativa de Hemérito dos Santos, de que o escritor não se envolveu na causa abolicionista e negou sua origem.

Com o propósito de oferecer uma contribuição, ainda que pequena, no estudo da personagem negra, seu múltiplo processo de construção, sócio-histórico-literário, e nele começar a desvelar a face da personagem negra na obra de Machado de Assis, desenvolvemos uma pesquisa, concluída em 1997, que resultou no livro *Imagens, Máscaras e Mitos; o negro na obra de Machado de Assis*.<sup>1</sup>

“A ficção é imitação [...] da ação, isto é, disto que já conhecemos como ação e interação no envolvimento físico e social”,<sup>2</sup> afirma Paul Ricoeur. Ao buscarmos a personagem negra na literatura, estamos também buscando a representação desta “ação e interação” do elemento negro na sociedade do seu tempo.

No tempo de Machado, as teorias raciais e crenças etnocêntricas ainda apregoavam uma hierarquia etnográfica na qual o negro ocupava o último grau da escala social. Assim, embora elemento integrante (juntamente com o branco e o índio) da civilização brasileira, era marginalizado. A literatura não o omitiu, mas sua voz e ação, muitas vezes, quando não apagadas, foram tolhidas, distorcidas, ou mascaradas. Sua presença, em geral, se dá por tipos. O indivíduo representa o coletivo.

O discurso a seu respeito variava conforme o posicionamento de quem escrevia: estereotipada, a imagem do negro, passa de dócil, infantil, fiel, subjugada a violenta, feroz, vingativa, em razão dos interesses do momento e contexto em que é inserido o estereótipo.

Nos discursos, porém, a classificação não é estanque. Textos qualificados em uma das duas categorias, às vezes, trazem em seu interior pequenos deslizes do autor, que denunciam um posicionamento diferente do anunciado ou proposto. As *Vítimas Algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo, publicado em 1869, é um bom exemplo disto; embora se apresente como um libelo contra a escravidão, seu discurso é, ao mesmo tempo, antinegro. Para demonstrar quão danosa é a instituição da escravidão e a necessidade de aboli-la, o autor anuncia que contará histórias verdadeiras e mostrará “os vícios ignóbeis, a perversão, os ódios, os feroces instintos do escravo, inimigo natural e rancoroso do seu senhor”<sup>3</sup> MACEDO.

Joaquim Manoel de. - *As Vítimas Algozes*: quadros da escravidão. Rio de Janeiro: Garnier, 1871. 2a. ed., p. XIV.

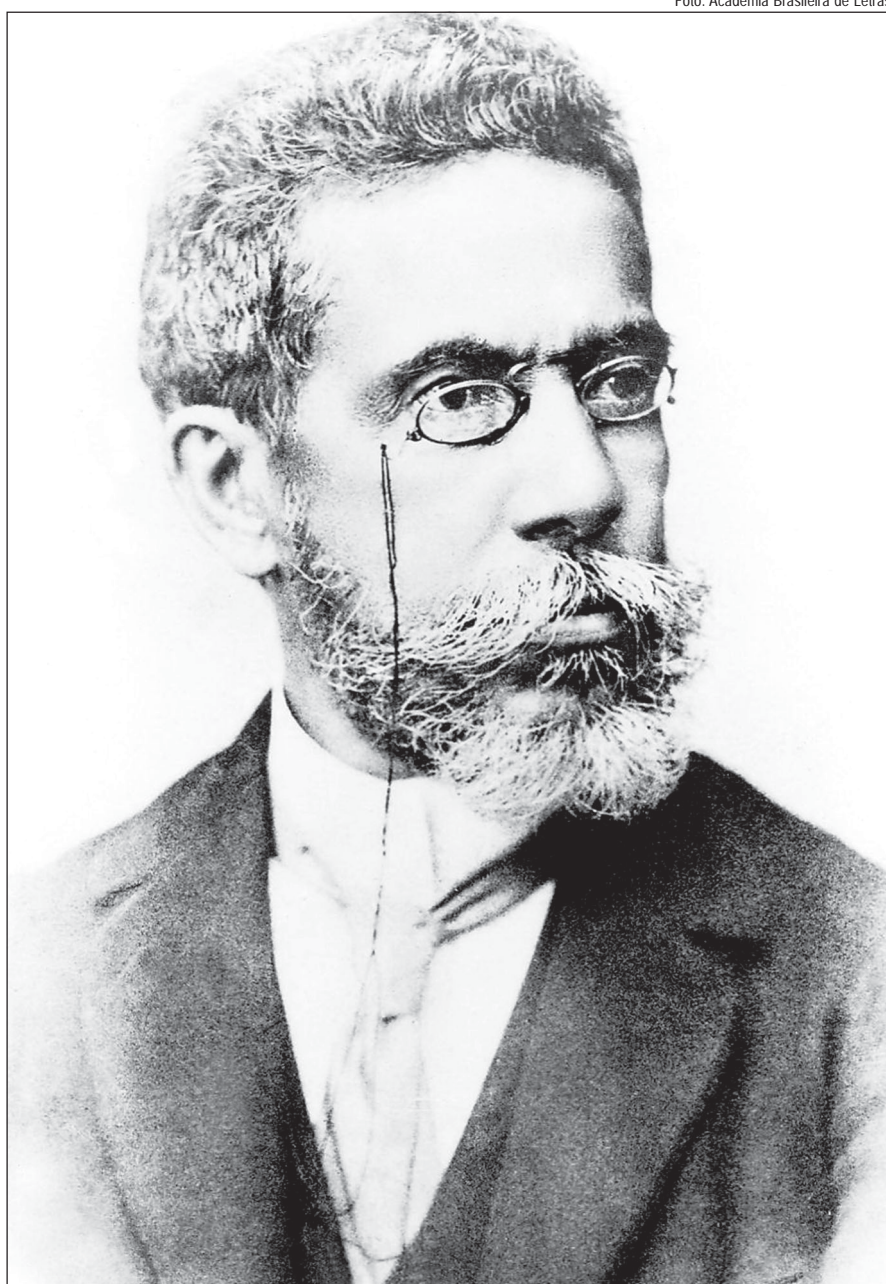


Foto: Academia Brasileira de Letras

Machado de Assis: abordagens explícitas e nas entrelinhas

As *Vítimas Algozes* são o que podemos chamar de romance de tese, conforme Silviano Santiago: “no romance de tese, a verdade se insinua por detrás de cada palavra, de cada gesto, cada cena, induzindo o leitor a pensar ser ela a única a apreender corretamente o significado das cenas ou do drama apresentado pelo texto”<sup>4</sup>. Nesse sentido, Macedo não está sozinho.

O contraponto é que, ao criar uma imagem do negro escravizado, baseando-se na concepção ideológica senhorial, o autor do discurso, de certa forma constrói, também, a sua própria imagem. Em oposição à selvageria, à indolência, à submissão, à promiscuidade, ele é a civilidade, a moral, o domínio, a posse, a superioridade. Ele é o que o outro não é. Sem se dar conta, talvez, de que nesta construção, ausentando-se o outro, a sua tão bem construída imagem deixa de existir.

É o que se pode ver, bem elaborado, no conto *O Espelho*: *esboço de uma teoria da alma humana*, de Machado de Assis, publicado em *Papéis Avulsos*, em 1882.

Nele, Jacobino, um jovem pobre, é promovido a alferes da Guarda Nacional. Tal fato é festejado e motivo de orgulho para toda a família. Na fazenda de sua tia, uma fazendeira escravista, não é mais chamado pelo nome, só pelo título. Todos os escravos estão obrigados a tratá-lo de “senhor alferes”. Um dia, estando a tia ausente da fazenda, os escravos fogem, abandonando o alferes, privando-o da admiração a que estavam obrigados.

“Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes (...) Nenhum fôlego humano (...) ninguém, um molequinho que fosse. Gatos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filoso-

favam a vida, sacudindo as moscas, e três bois... nenhum ente humano. Pareceu-lhes que isto era melhor do que ter morrido? Era pior”<sup>5</sup>.

Jacobino, sem os sustentadores de sua “identidade”, percebe-se sem imagem no espelho, único espaço onde, ainda, podia se refletir. O que restou na fazenda foram apenas os animais, instrumentos de produção; bens semoventes, categoria em que os escravos eram incluídos. A questão é que os animais não representam a alteridade, no sentido de refletir a identidade do outro. Na ausência do escravo, cai por terra a ordem escravocrata e com isso o autoconceito de superioridade apregoadado pela ideologia vigente em relação aos senhores.

Há nesse conto um absoluto silêncio a respeito tanto da escravidão quanto aos possíveis acontecimentos relacionados aos escravos fugidos. Entretanto, como reflete Eni Orlandi, “O silêncio é. Ele significa.”<sup>6</sup> Ao calar-se, Machado abre espaço para uma significação outra, que a óbvia. Uma forma sutil, para gerar idéias.

Mas, se no conjunto da obra do autor estão incorporados elementos históricos e sociais a serem lidos nas entrelinhas, há também momentos em que sua colocação é explícita. Isto ocorre, sobretudo, nas crônicas e na crítica. Vejamos, por exemplo, o trecho de uma carta endereçada a José de Alencar, datada de fevereiro de 1868, na qual Machado tece elogios a Castro Alves<sup>7</sup>. Esta carta era, de fato, a crítica do escritor, sobre o drama *Gonzaga*, escrito pelo poeta, portanto, destinada a ser lida pelo público.

“Eu não podia, por exemplo, deixar de mencionar aqui a figura do preto Luiz. Em uma conspiração para a

liberdade, era justo aventar a idéia da abolição. Luiz representa ao elemento escravo. Contudo o Sr. Castro Alves não deu exclusivamente a paixão da liberdade [...]. Luiz espera da revolução, antes da liberdade, a restituição da filha; é a primeira afirmação da personalidade humana; o cidadão virá depois. Por isso, quando no terceiro ato Luiz encontra a filha já cadáver, e prorrompe em exclamações e soluços, o coração chora com ele, e a memória, se a memória pode dominar a tais comoções, nos traz aos olhos a bela cena do rei Lear, carregando nos braços Cordélia morta. Quem os compara não vê nem o rei nem o escravo; vê o homem”.

Serão essas palavras de um omissão, dissimulado para não transparecer sua condição racial?

Bastante explícitos também são algumas poesias e contos, vale notar, escritos antes da abolição. O poema *Sabina*, publicado em 1875, por exemplo. Embora incluído no livro *Americanas*, foge à temática indígena, sugere inclusive pelo título da obra. *Sabina* é um longo poema que relata a sedução de uma jovem mucama, não embranquecida, mas tratada de forma paternalista. Jovem, virgem de tez morena, cabelos cor da noite escura, busto moldado em modelo clássico e olhos brandos cor de jabuticabas.

A conquista de Sabina não passa pela violência física, prática comum na “ideologia falocrática”<sup>8</sup> Sant’Ana, Afonso Romano de. - “O Canibalismo Erótico na Sociedade Escravocrata.” In: *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARJ, 1984. N. 1/84. p. 14., descrita de forma magistral por Castro Alves, em “*A Cachoeira de Paulo Afonso*”. A abordagem é romântica. O narrador, indiferente como o rio, “ao mal ou bem que lhe povoa a margem” desnuda a alma de ambos.

O jovem conquistador, Otávio, volta para a corte. “Com ela a alma não fica. De seu jovem senhor.” Não fica a alma, mas fica-lhe um filho no ventre. A reação dos companheiros de desventura é de total falta de solidariedade, impera a inveja, o ciúme, a maledicência e a superstição. “Após os dias da saudade, os dias da esperança”, e a decepção. Otávio volta casado. Em desespero, Sabina pensa em se matar, mas no último momento desiste.

O poema, embora aparente descrever a aceitação do cativo, denuncia a trágica ironia do paternalismo e as suas conseqüências. Uma faceta da escravidão, muito conveniente aos senhores e, em parte, responsável pela crença de que, no Brasil, a vida dos escravos era amena.

A crença na igualdade, pelo tratamento privilegiado, impede de ver: “o fundo abismo tenebroso e largo que separa”<sup>9</sup> senhores e escravos. A delicadeza não garante o afeto, nem evita o abandono da escrava, mas facilita a “caçada” do sinhozinho. Além disso, provoca sentimentos desagregadores dentro do meio escravo, afastando a solidariedade e a confiança. Preserva a imagem ideológica, segundo a qual escravo é gente dotada de maus sentimentos, quando não de apatia, servilismo e resignação.

Enquanto Castro Alves denuncia a violência explícita a que os escravos e, principalmente as mulheres, negra e mulata, estavam expostos, Machado revela outras formas de violência, nem sempre tão explícitas, mas igualmente cruéis e doloridas. A violência, que passa pela dissimulação e falsa camarada-

gem, instituída para amenizar as relações entre senhor e escravo, aumentar a produção, garantir fidelidade e diminuir as fugas e as revoltas, bem como as despesas com segurança ostensiva.

No conto, como em outras obras, não há floreios nem uso de meias palavras. Machado não transforma o negro em herói ou ser extraordinário, nem o pinta com as cores miseráveis da ideologia dominadora. Ele o apresenta como ser humano que é, sujeito em sua condição de oprimido. Sem fazer apologia, mas de forma sutil, o autor, a seu modo, desnuda a realidade senhorial e revela uma sociedade em que a condição econômica define o indivíduo, determina sua exclusão ou aceitação. Uma sociedade que, sob uma fachada moderna e liberal, oculta as bases do sistema colonial, o escravismo e o clientelismo, como bem explicita Roberto Schwarz em *Ao Vencedor as Batatas*.<sup>10</sup>

A crônica foi outro gênero de produção escrita que Machado de Assis exerceu com a habilidade criativa e crítica que lhe era peculiar. Nelas, encontramos um Machado de Assis irônico e sarcástico, que enfoca diversos estágios do período abolicionista, as manipulações dos senhores, a violência inerente ao sistema de dominação. Faz isso, ora de forma direta, ora dissimulada, mas preservando um distanciamento crítico e lançando mão dos recursos de estilo que lhe eram comuns.

Muitos seriam os exemplos a serem aqui elencados, mas por que não deixar para o leitor o prazer deste desvelar? Uma leitura mais atenta de algumas das obras e se pode perceber de que lado o escritor está. Para isso, se necessário, não faltam bons guias: Roberto Schwarz, John Gledson, Sidney Chalhoub e outros. Podemos adiantar que a preocupação de Machado de Assis era com o homem, o ser humano e sua interioridade psicológica e moral. O escravo, antes de sua condição servil, era um ser humano; e assim Machado o via e o retratava em sua obra.

Experimente ler, rele! Permita-se um passeio pelo universo cifrado das obras machadianas. Por prazer, deleite-se!

**Mailde J. Trípoli** é autora do livro *Imagens, Máscaras e Mitos; o negro na obra de Machado de Assis* (Editora da Unicamp)

## NOTAS:

<sup>1</sup> TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. *Imagens, Máscaras e Mitos: o negro na obra de Machado de Assis*. Campinas/SP, Editora UNICAMP, 2006

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. “L’Identité Narrative.” In: *Revue des Sciences Humaines*. No. 221

<sup>3</sup> SANTIAGO, Silviano. *Desvíos da Ficção*. In: PATROCÍ NIO, José do. - *Mota Coqueiro*. P. 13.

<sup>4</sup> ASSIS, Machado de. “O Espelho”. In: *Papeis Avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d. p. 221-235

<sup>5</sup> ASSIS, Machado de. - “O Espelho”. In: *O Conto de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p.142.

<sup>6</sup> PUCCENELLI, Eni Orlandi. - *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. 2a. ed.

<sup>7</sup> Assis, Machado. *Crítica*. (Coleção feita por Mario de Alencar). Rio de Janeiro, Livraria Garnier, Sd. p.54 e55. (grafia atualizada).

<sup>8</sup> ASSIS, Machado de. “Sabina”. Op. Cit., p.423

<sup>9</sup> Schwarz, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo, Duas Cidades, 1981. p. 20.



**UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge  
 Coordenador Geral Fernando Ferreira Costa  
 Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva  
 Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib  
 Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira  
 Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars  
 Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca  
 Chefe de Gabinete José Ranali

**JORNAL DA UNICAMP**

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (019) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. **Fax** (019) 3521-5133. **Site** <http://www.unicamp.br/ju>. **E-mail** [leitortu@reitoria.unicamp.br](mailto:leitortu@reitoria.unicamp.br). **Coordenador de imprensa** Eustáquio Gomes. **Assessor Chefe** Clayton Levy. **Editores** Alvaro Kassab e Luiz Sugimoto. **Redatores** Carmo Gallo Netto, Hélio Costa Júnior, Isabel Gardenal, Jeversson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri e Antônio Scarpinetti. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** Dulcinea Bordignon. **Impressão** SRG Gráfica e Editora: (011) 4223-5911. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (019) 3232-2210. Assine o jornal on line: [www.unicamp.br/assineneju](http://www.unicamp.br/assineneju)